



E o espectador

Caberia perguntar ou perceber, se seriam propositais as ações perpetradas em face da ignorância dos que permanecem cativos

Abel Holtz, consultor, Artigos e Entrevistas
02/03/2017

Depois da leitura do Fotograma e dos enredos possíveis para o Filme seria interessante tentar perceber como o espectador – o Consumidor – aquele que vê o espetáculo encenado sem entender as razões das mudanças quando são cativos - até não se sabe o porquê desta nomeação, pois, historicamente, seria uma denominação atribuída àqueles sem direito a reclamar de nada, ou seja, escravos -, pois as nuances das regras que regem o setor não são antecipadas, claras ou conexas, e, quando são aqueles ditos livres, estes se revoltam, por sofrerem as mesmas consequências, ou seja, no bolso, mas, se adaptam para sobreviver.

Caberia perguntar ou perceber, se seriam propositais as ações perpetradas em face da ignorância dos que permanecem cativos. Parecer-nos-ia que sem dúvida alguma, que sim, posto que no final a única coisa perceptível para a maioria dos cativos, é o preço que vem na conta ao fim de cada mês. Desde que não sejam interrompidos o fornecimento, tudo bem, aperta daqui e de ali vamos administrando e seguindo em frente, aliás, é Carnaval.

Já os consumidores não residenciais apesar de mostrarem suas discordâncias e garras ao fim midiático, ficam no proselitismo da revolta formal sem decisões mais aprofundadas, porque na realidade continuam pagando suas contas por que o problema deles não é só esse. Alguns ainda preservam o seu mercado porque mesmo com a globalização os custos logísticos agregados ao de produção, ainda lhes preserva o mercado local, outros preferem transformar-se em "maquiladoras" como já ocorre em muitos outros Países da região. Não há competitividade em relação a outros Países, não só pelos custos com energia, como também a: custos tributários, trabalhistas e unidades produtivas ultrapassadas consequentes à reserva de mercado que obtiveram antes da globalização e, investir hoje, sem saber o que vai se passar na área política e institucional é um risco imensurável. Deixa vir os estrangeiros comprar e apostar neste futuro.

A debilidade da nossa política industrial tem que ser revista, pois foi institucionalizada na época do telegrafo, claro que alguns avanços foram introduzidos na época, por exemplo, do telex, e agora estamos na realidade da internet. Não podemos esquecer que algumas das nossas indústrias são competitivas e estão na dianteira destes fatos aqui relatados. Um clássico exemplo poderia ser o da Embraer que hoje, é um dos líderes do mercado onde atua.

Ao tempo e a hora estariam os consumidores residenciais que sequer sabem o que estaria embutido nas contas que recebem ao fim de cada mês. O que lhes interessa saber é se poderão pagar a conta para continuar a ver na televisão o "Big Brother" e se anestesiarem quanto aos seus problemas, ou recarregar o seu celular, e por fim, tomar seu banho no chuveiro elétrico. O resto não importaria saber quanto paga de tributos por este bem aventurado prazer, nem lhes passa a cabeça. Se não puder pagar a conta e se lhes for cortada a conexão tentará fazer "um gato" e pronto. Seja o que o Criador quiser.

Mas seria este o ambiente no qual um serviço universalmente necessário e cada vez mais indispensável deveria ser estruturado? Deveria esta nossa Sociedade e nosso parque industrial estarem prisioneiros de interesses específicos e discricionários ou deveríamos ter políticas de Estado de médio e longo prazo? Com a consideração insofismável da globalização mesmo que as resistências que se instalam tenham por curto espaço de tempo algum sucesso?

As respostas que caberia serem formuladas nos parece que são evidentes e não seria de bom alvitre mencioná-las, por que as mudanças tecnológicas que nosso mundo experimenta aliadas àquelas da comunicação instantânea que hoje existe, as dará a curto espaço de tempo, apesar da resistência deste ou daquele gestor. E seria uma opinião isolada.

E neste universo o que o espectador pode fazer, seria buscar identificar competentes gestores para que os atuais desafios sejam estruturados. Apoiando os capacitados técnicos para desempenhar em plenitude o que sabem, sem amarras antigas e de forma convergente para vir a formular e atuar em favor do Estado e de sua Sociedade, modificando o "status-quo" e estruturando uma política com regras que venham a reformular a "floresta de retalhos" que estabelecida desde 1934 – época ainda do "Código Morse" - para a realidade de hoje. Eles estão instalados nos diferentes órgãos e podem agir.

Não há final feliz. Há que se formular e implantar a nova realidade para o setor sem considerar interesses específicos, mas, respeitando aquilo que se insere no contexto dos interesses maiores que beneficiam a nossa Sociedade.

Abel Holtz é engenheiro e empresário estuda e desenvolve trabalhos na área de concessões particularmente no setor elétrico.

É vedada a utilização e/ou reprodução total ou parcial do conteúdo gerado pelo CanalEnergia sem prévia autorização.

□